

BRONISLAW KASPER MALINOWSKI (1884-1942): O PROCESSO DE CONSTITUIÇÃO DA ETNOGRAFIA ENQUANTO MÉTODO ANTROPOLÓGICO

Franciely Carolina dos Santos¹

Angela Maria Trindade Paiva²

Resumo

O presente artigo busca apreender as transformações no processo de constituição da etnografia, enquanto, metodologia da Antropologia, sob a perspectiva do antropólogo Bronislaw Kasper Malinowski (1884-1942). Para além disso, fazer uma reflexão histórico-social do contexto no qual Malinowski elaborou suas concepções acerca da etnografia e do “objeto” de estudo antropológico. Por fim, analisar suas concepções sobre o ser humano e o mundo, e sobre como se dá a elaboração de conhecimentos acerca das interações socioculturais aí estabelecidas. Logo, argumentamos que tais concepções não resultam de uma elaboração puramente individual e descolada do contexto histórico-político-econômico-cultural no qual esse pesquisador, simultaneamente, é constituído e se constitui na sua trajetória acadêmico-intelectual.

Palavras-Chave: Bronislaw Malinowski. Antropologia moderna. Paradigma estrutural-funcionalista. Etnografia.

Bronislaw Kasper Malinowski (1884-1942): the process of ethnography
constitution as an anthropologica method

Abstract

This work seeks to apprehend the transformations in the process of ethnography's constitution, as Anthropology's methodology, through the perspective of the anthropologist Bronislaw Kasper Malinowski (1884-1942), one of the main expressions of the social British anthropology and of the structural-functionalist paradigm, pioneer and defender of the country work and

¹ Mestranda em Ciência e Cultura na História pela Universidade Federal de Minas Gerais-UFMG; Graduada em História Licenciatura pela Universidade do Estado de Minas Gerais-UEMG. LATTES:<http://lattes.cnpq.br/9352877745977460>

² Mestre em Antropologia pela Universidade Federal do Pará; Bacharelado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Minas Gerais-UFMG. LATTES:<http://lattes.cnpq.br/2473712018505274>

of the involved observation of the “natives” made directly by the researcher, who is reasoned in judicious scientific stringency. By doing a historical-social reflexion of the context in which Malinowski has elaborated his conception of ethnography and of the anthropological study’s “object”, as well as his conceptions about the human being and the world and about how the elaboration of knowledges concerning socio-cultural interactions there established works, we argue that those meanings do not result from an individual elaboration displaced from the historical-political-economic-cultural context in which this researcher, simultaneously, is constituted and constitutes himself in his academic-intellectual trajectory.

Keywords: Malinowski; Modern Anthropology; Structural-functionalist Paradigm; Ethnography.

Introdução

A Antropologia, no decorrer da sua história, passou por diversas transformações teórico-metodológicas. Atualmente os estudos não abarcam os nativos, considerados primitivos e exóticos, já que, inspirados em Clifford Geertz, podemos afirmar que, essa perspectiva está ultrapassada porque hoje “somos todos nativos”. (GEERTZ, 1978). A etnografia não se compreende e não mais arroga para si o lugar de estudo dos povos ou grupos sociais distantes de “nós”, mas torna-se vital, inclusive, para registrar e dar visibilidade às diversas dinâmicas, interações sociais e sociabilidades existentes em nossa própria sociedade, contribuindo para reflexões, por exemplo, acerca das relações de poder e hierarquias, desigualdades sociais ou grupos e indivíduos excluídos nas grandes cidades urbanas, tais sujeitos são para Magnani uma das peças principais para a compreensão das dinâmicas das sociedades contemporâneas. (MAGNANI, 2002; VELHO, 1978).

A resignificação desse pensamento no campo etnográfico teve início no século XX, com uma das principais expressões do paradigma estrutural-funcionalista da antropologia social britânica, a saber: Bronislaw Kasper Malinowski (1884-1942). Malinowski abriu a porta para a antropologia moderna que tinha no trabalho de campo e na observação participante, realizados diretamente pelo pesquisador fundamentado em criterioso rigor científico, a sua marca diacrítica e, por isso, é considerado um dos principais fundadores da

etnografia moderna, e apresentado por George W. Stocking Jr. em sua obra "*The Ethnographer's Magic and Other Essays in the History of Anthropology*" como "o herói da cultura mítica do método antropológico" (STOCKING,1992) ao utilizar do trabalho empírico de uma forma intensa como nenhum antropólogo do século XIX e contemporâneos a ele havia realizado até então.

A ideia de "povos nativos" referenciada por Malinowski vem sendo desconstruída por antropólogos hermenêuticos e críticos justamente mediante a releitura de sua monografia clássica, uma vez que, conforme destaca a antropóloga Mariza Peirano (2014,p.384), a história antropológica é espiralada e não linear, ou seja, é a partir das suas próprias experiências metodológicas e arcabouço teórico que a Antropologia desenvolve um pensar de si mesma num movimento que estabelece contínuas transformações e até mesmo rupturas na medida em que identifica suas próprias lacunas, mas sem perder de vista as contribuições qualitativas que seus pensadores representam para este campo do conhecimento. (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1984, 2000; CLIFFORD, 2002; PEIRANO,1995).

Sendo assim, argumentamos que é preciso apreender não só o paradigma antropológico sob o qual Malinowski construiu seus entendimentos sobre a etnografia, mas suas concepções sobre o ser humano, sobre o mundo e sobre como se dá a elaboração de conhecimentos acerca das interações aí estabelecidas. Para tanto um olhar para sua principal obra etnográfica - *Os argonautas do pacífico Ocidental: um relato do empreendimento dos nativos da Nova Guiné Melanésia* (1922) - fez-se necessário como fonte a partir do qual buscamos apreender tais interpretações. Nos fundamentamos em referências bibliográficas que contribuíram sobremaneira para a contextualização histórica e compreensão dos pressupostos teórico-metodológico da antropologia malinowskiana nos séculos XIX e XX, com ênfase para o contexto sociocultural vivenciado por Malinowski.

Temos no final do século XIX e início do século XX uma sociedade inglesa marcada pelo colonialismo e seus desdobramentos, fazendo com que antropólogos como Adam Kuper (2005) e James Clifford (2002), reconheçam que Malinowski cunhava uma antropologia colonialista ou, pelo menos, com um forte diálogo com a lógica da metrópole europeia colonizadora. O positivismo e o empirismo de Malinowski levaram-no a buscar uma neutralidade e

objetividade científica no campo antropológico, que não se concretizaria devido às mudanças socioculturais e político-econômicas estabelecidas na Inglaterra pós era vitoriana e principalmente pós Primeira e Segunda Guerras Mundiais.

Nesse período, a colonização da África pelos ingleses estava no seu auge. Malinowski enquanto antropólogo e pesquisador de uma ciência que se pretendia neutra e objetiva, vê-se reformulando a antropologia social britânica devido às influências de poder político estabelecidos entre a ciência social britânica e o Estado inglês. (KUPER, 2005; PASSETTI, 2016). Ainda que não se deva desconsiderar a importante contribuição de Malinowski para as teorias antropológicas, o exercício intelectual do estranhamento ou a capacidade analítica do olhar distanciado inviabilizaria ao antropólogo questionar o próprio contexto no qual está localizado e, com isso, romper com o senso comum e apreender as relações de poder que demarcam sua realidade social, não foi plenamente alcançada por Malinowski resultando numa análise antropológica descontextualizada politicamente. (CLIFFORD, 2002; FABIAN, 2013).

Destacamos a importância de se estudar esse processo histórico da constituição da etnografia para que possamos compreender os caminhos traçados e sua importância enquanto metodologia não só para as Ciências Sociais, mas para as Ciências Humanas de forma mais abrangente. Peirano afirma que “todo antropólogo está, portanto, constantemente reinventando a antropologia; cada pesquisador repensando a disciplina”. (PEIRANO, 2014. p.383). O repensar a disciplina através das monografias como a de Malinowski foi o que possibilitou a formulação de novas teorias antropológicas.

Para além disso, tem sido através das etnografias realizadas pós Malinowski que povos considerados “nativos e ou primitivos” passam a ter visibilidade no sentido de que todos os povos (ocidentais e orientais) são nativos, rompendo com a neutralidade do pesquisador ao reconhecer que a etnografia se pauta numa relação de intersubjetividade entre o sujeito que é pesquisado e o sujeito pesquisador.

1- A Grã-Bretanha e a ciência social no século XIX e XX: colonização, guerras e conflitos

Em meados do século XIX a Grã-Bretanha vivenciava o auge do seu império alicerçado em um período de estabilidade e paz, conhecido como *Pax*

Britannica, reinado pela rainha Vitória após as Guerras Napoleônicas (1837-1901), reconhecido como principal potência econômica e político. Os britânicos possuíam uma posição privilegiada sobre o controle das principais rotas comerciais marítimas, o interesse britânico não estava mais no comércio escravocrata, vindo a ser um dos primeiros a abolir a escravidão e interessados a expandir seu território através das rotas pelas quais tinham domínio. Gabriel Passeti afirma,

A potência em expansão teria investido para compor uma nova situação na qual seus concorrentes continentais se mantinham em paz, possibilitando, talvez sem perceber, tempo e recursos para os britânicos construir seu enorme império: a pax britannica teria sido, portanto, uma inteligente estratégia para conquistar o planeta. (PASSETTI, 2016, p. 3).

A *Pax Britannica*, como aponta o historiador, pode ser considerada como uma estratégia para que os ingleses tivessem condições favoráveis para desenvolver um plano de expansão territorial e colonização de regiões orientais vizinhas. É importante destacar que sua colônia norte-americana tinha conquistado em 1776 a sua independência, o que deixou o império britânico instável política e economicamente por algumas décadas, obrigando-o a repensar um modelo de colonização em que obtivesse mais sucesso e domínio. A partir do processo de colonização do Oriente, criou-se os escritórios de missionários dentro dessas regiões que passariam a viver um novo e ainda mais complexo processo de exploração, dominação e imposição econômica, política e também religiosa. (PASSETTI, 2016, p. 20).

Foi neste contexto que os ingleses conquistaram no século XIX e XX algumas regiões da Nova Zelândia, da África e da Ásia, onde foram realizadas expedições de cunho religioso, político e exploratório, mas também acadêmico, visando acesso a informações, sobretudo a respeito dos grupos socioculturais destas regiões e dos seus modos de vida. Os ingleses planejaram um modelo de colonização, visando desenvolver as colônias para que se constituíssem como pequenas Inglaterra, um repovoamento da própria população. As autoridades inglesas selecionariam famílias aptas economicamente para desenvolverem as terras colonizadas excluindo desse modelo os então chamados nativos. (PASSETTI, 2016, p. 13).

Essa lógica colonizadora britânica perdurou até o fim da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). A civilização inglesa do século XIX e ainda no XX

compartilhava da mesma narrativa colonial em vários espaços socioculturais, justificando os meios pelo quais obtinham informações e sua supremacia. Essa justificativa decaía sobre os ambientes acadêmicos, que como veremos na antropologia social britânica alguns antropólogos contribuíram com pesquisas sobre as colônias para o Estado inglês. (PASSETTI, 2016, p. 18; KUPER, 2005, p. 214).

A antropologia social britânica estabeleceu relações com o estado no momento em que a colonização da África estava no seu auge. O Estado inglês ao aportar nas colônias seus escritórios, elaboraram o reconhecimento dos aspectos culturais dos nativos, domínio do idioma, proselitismo, dominação política, exploração de matéria prima, entre outros. Além disso, algumas universidades como Oxford e a LSE (London School Economics) participaram do mapeamento das colônias. A LSE e principalmente a antropologia social britânica foram alvo de críticas de pesquisadores que analisaram os processos de colonização, afirmando ser a antropologia social britânica, no momento em que Malinowski foi a sua principal expressão intelectual, uma “ciência colonizadora”. (KUPER, 2005; PASSETTI.2016).

O interesse dos oficiais das colônias em estabelecer relações por meio de investimentos em pesquisa com os cientistas sociais adveio da necessidade de profissionais qualificados em estudos específicos das sociedades consideradas não-civilizadas pela metrópole colonizadora. A aliança entre o Estado que age conforme seus interesses políticos e uma ciência considerada neutra das influências destes interesses e ideários, gerou debates de cunho acadêmico do qual Malinowski participava. (KUPER, 2005). Segundo as análises críticas, ao se envolver no processo de colonização, Malinowski ressignifica a antropologia social britânica ao romper com seu caráter rigorosamente científico, trazendo uma nova proposta das ciências sociais, o que vem a ser reconhecida como “ciência social que se dedicava a política colonial”, segundo Kuper (2005, p.217).

Cada indivíduo norteou seu olhar e sua análise pelas ideias de sua época, mas não foi refém destas. Suas compreensões e seus relatos estiveram pautados por interesses imperiais, mas também de grupos aos quais eles se vinculavam- como o *imperial humanitarians*, por exemplo – e pessoais. Era preciso justificar sua viagem, construir sua imagem enquanto alguém

singular e diferenciado em um mercado editorial concorrido e desgastado. (PASSETTI, 2016. p.20).

No final do século XIX e início do século XX a então antropologia moderna consolida o escopo de sua atuação prática ao definir o trabalho de campo e a observação participante direta, realizados por pesquisadores rigorosamente treinados na academia, como método peculiar do fazer antropológico. (DURHAM, 1986; MALINOWSKI, 1986). Bronislaw Kasper Malinowski (1884-1942), uma das principais expressões da antropologia social britânica, é considerado o fundador da etnografia moderna e teve relevância ímpar ao dar o primeiro passo, o estabelecimento de um método científico antropológico tendo como referências epistemológica o positivismo durkheimiano, assim como, por meio de uma nova e rigorosa forma de coletar dados empíricos pautando-se no paradigma empiricista e estrutural-funcionalista. (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1984). A forma com que Malinowski desenvolve seu trabalho de campo recebe destaque ao romper com a teoria e o método utilizado pelos antropólogos do evolucionismo cultural emergente no século XIX que se utilizavam do método de “etnografia de gabinete ou de varanda” como ficou conhecida.

A etnografia de varanda era considerada adequada e suficiente, isto é, antes de 20, os antropólogos de então (na verdade, fisiologistas, psicólogos experimentais, linguistas) deslocavam-se até as sociedades primitivas para coletar dados, mas, em um novo contexto evolucionista no qual dominava o que hoje chamamos de antropologia de gabinete, seus procedimentos já eram bastante revolucionários. Isto é, sentavam-se a uma mesa, geralmente na varanda da casa de um oficial da colônia ou missionário, ou em convés de navio em trânsito local, e convocavam os nativos, que enfileirados, esperavam sua vez para fornecer os dados requisitados. (PEIRANO, 1995, p.36).

2- A convivência de resquícios positivistas com um empiricismo em gestação

Como principais expressões do evolucionismo cultural podemos destacar Lewis Morgan (1818-1881), Herbert Spencer (1820-1903), Edward Tylor (1832-1917) e James Frazer (1854-1941). Estes antropólogos fizeram parte da formação inicial de Malinowski e de outros antropólogos de sua época.

Malinowski, nascido na cidade de Cracóvia no sul da Polônia, iniciou sua carreira acadêmica nas Ciências Exatas, onde defendeu em 1908 seu doutorado em física e matemática, mas, devido à debilitada saúde, afastou-se temporariamente da academia para recobrar-se e, neste momento, em contato com a obra de James Frazer *The Golden Bough* (1890), decidiu retornar à academia para estudar antropologia. (DURHAM, 1986; KUPER, 2005). Malinowski, iniciando seus estudos na antropologia motivado pela obra do evolucionista James Frazer (1854-1941), permanecia fundamentado no positivismo científico do sociólogo Emile Durkheim (1858-1917). Isso pode ser um dos indicativos que nos ajuda a compreender a sua forte posição na defesa de um método rigorosamente científico realizado por pesquisadores também rigorosamente treinados.

Após esse afastamento de cerca de um ano do ambiente acadêmico ocasionado pela sua doença (tuberculose), Malinowski inicia seus estudos em antropologia na instituição de Leipzig na Alemanha, considerada uma universidade elitista, onde foi orientado pelo economista alemão Karl Bucher e por Wilhelm Wundt um dos fundadores da psicologia experimental. Após a sua breve passagem por Leipzig, em 1910 muda-se para Londres onde deu continuidade aos estudos na LSE (London School Economics) como aluno de pós-graduação em antropologia. Malinowski depara-se na LSE com um cenário no qual a teoria antropológica evolucionista vigente já estava sendo questionada por antropólogos como Charles Gabriel Seligman (1873-1940) e William Halse Rivers Rivers (1864-1922). Seligman e Rivers também já haviam pautado o trabalho de campo como método das pesquisas antropológicas, ainda que somente com Malinowski tal método ganharia *status* rigorosamente científico, antes mesmo de sua chegada na universidade os principais pesquisadores da antropologia então vigente, já estavam a realizar trabalho de campo. (STOCKING, 1992).

Em 1913, Malinowski já era reconhecido como um antropólogo promissor. Em três anos dedicados à antropologia, já havia produzido três artigos, um livro, realizava seminários sobre antropologia na LSE e cinco anos mais tarde tornou-se titular da cadeira de Antropologia Social. O contato que estabeleceu com membros do Departamento de Antropologia da LSE e o seu interesse pelo trabalho de campo, junto ao professor Seligman, foram as bases

para a organização da sua primeira expedição no ano de 1914 à Nova Guiné. O propósito de seguir estudos na Nova Guiné veio através de uma recomendação de Seligman, que já tinha realizado pesquisas dez anos antes na região. É a partir dessas atividades e reflexões que Malinowski ergue todo aparato que sustentaria o desenvolvimento do seu primeiro trabalho etnográfico nas Ilhas Trobriand ao longo da costa oriental da Nova Guiné, o que rendeu a publicação em 1922 de *Os Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento dos nativos da nova Guiné Melanésia*, obra clássica da Antropologia. (DURHAM, 1986; KUPER, 2005; MALINOWSKI, 1984).

Nesta monografia, Malinowski estuda o *Kula*, ou seja, as formas de comércio ou trocas estabelecidas entre os trobriandeses. Buscando compreender essas relações, recusava-se a dissociar o social do cultural. Sendo assim, propôs ir para campo considerando a importância de participar do dia a dia dos trobriandeses, observando suas tarefas e ganhando sua confiança. (DURHAM, 1986, p. 12).

As mudanças que Malinowski provocou no pensamento antropológico, confrontaram os evolucionistas culturais e principalmente James Frazer. Na primeira obra de Malinowski: *The Family among the Australian Aborigenes*, ele direciona algumas críticas aos evolucionistas por discordar que as sociedades consideradas por estes como “primitivas” são fósseis vivos do passado. (MALINOWSKI, 1984). Enquanto Malinowski identificava por meio do trabalho etnográfico entre os nativos da Nova Guiné estruturas sociais altamente organizadas, que em sua perspectiva eram tão estruturadas e complexas quanto as sociedades ocidentais europeias considerados modelos de civilização. Percebe-se uma divergência com o pensamento dos antropólogos evolucionistas que classificavam as sociedades segundo estágios de evolução cultural mais avançadas umas em relação às outras, estabelecendo, assim, a classificação “selvagens”, “bárbaros” e “civilizadas” para demarcar distanciamentos e desigualdades de estágios evolutivos entre grupos socioculturais, fundamentados num entendimento de que a história da humanidade é universal e linear e, portanto, é possível identificar e localizar as “raças humanas” nas suas etapas de desenvolvimento civilizacional. (CASTRO, 2005; LARAIA, 2006).

Tal perspectiva evolucionista coaduna e legitima a lógica dominante que se estabelecia nas relações hierarquizadas entre as metrópoles colonizadoras e os povos colonizados e, muitas vezes, serviu para justificar as intervenções territoriais, políticas e econômicas daquelas sobre estes. A crítica a estas relações foram foco de sustentação das novas percepções e posições da Antropologia Moderna no que tange a necessidade de demarcar a neutralidade e a objetividade do campo científico nas Ciências Sociais. Ainda que tal crítica seja de fundamental relevância, é possível identificar que o intento da Antropologia Moderna não foi de fato alcançado, uma vez que é preciso reconhecer que o campo científico também é estabelecido em contextos políticos marcados por relação de poder. Alcança-se a objetividade por via do reconhecimento analítico, da reflexão crítica, do exercício do estranhamento de tais contextos e relações, e não pela sua negação. (CLIFFORD, 2002; KUPER, 2005; ORLANDI, 2009; PEIRANO, 2014; VELHO, 1978). Neste sentido, ainda que tenha elaborado críticas ao amadorismo científico e às perspectivas hierarquizadas e colonialistas dos evolucionistas culturais, Malinowski não logrou êxito em elaborar suas análises a partir de uma perspectiva de fato crítica em relação à lógica colonialista que também atravessa o campo científico quando este não está imbuído da reflexividade necessária ao processo de pensar-se.

Não obstante, vale ressaltar as contribuições do pensamento de Malinowski para a formulação de novas teorias antropológicas. Em sua busca pelo conhecimento sobre os então chamados “povos exóticos” ultrapassou as barreiras do senso comum científico do século XX, conviveu com o que ele classifica de nativos, legitimou o trabalho empírico e provocou novas teorizações antropológicas, impactando pesquisadores de seu tempo. A obra de Malinowski é a prova de que a história da antropologia é espiralada. Os antropólogos contemporâneos retomam “Os Argonautas” em busca de apreender os desafios e a verossimilhança na construção narrativa do texto. (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1984; PEIRANO, 2014). Retomamos as monografias clássicas porque, como Peirano (2014, p.384) afirma “nenhum autor é uma ilha e devemos deixar espaço para que nossos antecessores possam nos falar sobre sua experiência” e não somente isso, como a utilização da linguagem na construção narrativa dos textos de Malinowski, a forma como

apresenta sua metodologia de estudo e como foi capaz de chegar a X resultados, seduz seus leitores (público estritamente acadêmico) a seguirem os seus passos no processo de elaboração e conhecimento dos estudos etnográficos contemporâneos. (GEERTZ,2002).

Todo antropólogo está, portanto, constantemente reinventando a antropologia; cada pesquisador, repensando a disciplina. E isso desde sempre: de Malinowski encontrando o Kula entre os trobriandeses; Evans-Pritchard, a bruxaria entre os azande; Florestan revendo a guerra tupinambá nos arquivos. Antropólogos hoje, assim como nossos antecessores, sempre tivemos/temos que conceber novas maneiras de pesquisar- o que alguns gostam de nominar “novos métodos etnográficos”. Métodos (etnográficos) podem e sempre serão novos, mas sua natureza, derivada de quem e do que se deseja examinar, é antiga. Somos todos inventores, inovadores. A antropologia é resultado de uma permanente recombinação intelectual. (PEIRANO, 2014, p. 381).

Essa recombinação intelectual acontece em todas os paradigmas antropológicos, pois é preciso perceber que não existe uma etnografia perfeita e exata, existem fatos etnográficos que são produzidos com o advento do novo e carecem de serem comentados e ou analisados. A sociedade está em constante mudança. Quando olhamos com acuidade para a história do pensamento antropológico conseguimos apreender os limites, mas também as contribuições tanto deste campo do conhecimento quanto dos seus pesquisadores para o processo de aprimoramento de conhecimentos sobre o ser humano e suas interações.

Sendo assim, a partir das contribuições de Malinowski rompe-se com a “etnografia de gabinete”, mas também com a perspectiva diacrônica incorporada pelos evolucionistas. Na antropologia social britânica, um caráter sincrônico da antropologia moderna se instaura, o interesse de Malinowski estava em compreender o funcionamento das instituições no aqui e no agora, e não em reconstruções históricas propostas pelos evolucionistas do século XIX. (CASTRO, 2005; KUPER, 2005; MALINOWSKI, 1986, 1984; PEIRANO, 2014). Tal ruptura com a diacronia é justificada sob o argumento da insustentabilidade, nas narrativas evolucionistas, de uma história linear e universal inerente à humanidade³.

³ O evolucionismo defendia que as culturas passavam pelos mesmos estágios, seguindo a mesma linha de evolução social. Mas cada autor enfatiza um aspecto “evolutivo”: alguns o

A partir do trabalho empírico de antropólogos estrutural-funcionalistas, sobretudo no século XX, os antropólogos consideravam as sociedades como estruturas sociais complexas e culturas diversificadas interessando ao trabalho de campo e a teorização antropológica um estudo do tempo presente. Neste sentido, o pesquisador podia desconsiderar os aspectos históricos de longa duração até então considerados pelos teóricos evolucionistas, já que para o estrutural-funcionalismo com a etnografia são apreendidas culturas e não uma cultura universal que demarca a história linear da humanidade. (SCHWARCZ, 2005). Neste ponto podemos perceber como, em alguma medida e sob a influência de Durkheim, que visava estabelecer um novo campo de conhecimento científico com objeto e método próprios, neste momento a sociologia francesa e a antropologia social britânica demarcam a sua distinção em relação a outros campos do conhecimento, como a História, por exemplo. (DURKHEIM, 1999; QUINTANEIRO, 2002).

Pode-se argumentar que as críticas e oposições à obra de Malinowski serviram para ampliar o campo antropológico: ferrenha e da oposição a suas propostas teóricas e a sua concepção acerca do “objeto” de pesquisa da antropologia⁴, a consolidação e o desenvolvimento de outros paradigmas antropológicos, tais como o paradigma histórico-culturalista norte-americano representado sobretudo por Franz Boas (1858-1942), a antropologia interpretativa tendo como principal expoente Clifford Geertz (1926-2006) e os diálogos e reflexões mais recentes, sobretudo a partir da década de 1980, de uma antropologia crítica, também chamada de pós-moderna, presentes nas obras de antropólogos tais como Arjun Appadurai (1949-), Georg Emanuel

evolucionismo biológico (superioridade de determinadas raças, como Herbert Spencer), outros o evolucionismo religioso (animismo, politeísmo e monoteísmo, de E. Tylor), outros a sequência obrigatória do progresso (selvageria, barbárie e civilização, de Lewis Morgan, como também a sua perspectiva de evolução familiar, da promiscuidade primitiva à família bilateral moderna de tipo europeu), outros a comparação tanto no tempo, como no espaço, costumes praticados por diversos povos, fossem estes das Antiguidade Clássica, camponeses europeus ou os “primitivos” do período (James Frazer). A perspectiva funcionalista rejeita completamente essa teorização, e não só porque inseriram a observação participante e a necessidade de material empírico, mas porque partiam do princípio de que cada sociedade deve ser vista/analizada em si mesma, como um todo integrado de costumes e relações.

⁴ Para uma relevante discussão crítica acerca do “outro” como “objeto” de análise antropológica e das relações de poder que marcam o encontro entre o sujeito pesquisador e o sujeito pesquisado, tendo como argumento analítico como a noção de tempo é incorporada (ou não) no discurso antropológico, sugerimos a leitura da obra de Johannes Fabian, *O tempo e o outro: como a antropologia estabelece seu objeto* (2013).

Marcus (1943-), James Clifford (1945-), Johannes Fabian (1937-), Vicent Crapanzano (1939-), dentre outros. Os “nativos” já não são mais apenas “objetos da pesquisa”, mas são também os antropólogos pesquisadores da sua própria cultura e de outrem. Esses novos olhares e saberes antropológicos, fogem da perspectiva do colonialismo que alguns críticos pós-modernos enxergam nas releituras das obras como a de Malinowski. Atualmente, o objeto de estudo da antropologia não se resume em apresentar outra cultura desconhecida da perspectiva ocidental, desmistificando a ideia de “selvagem, bárbaros” restam-no o Outro que tem-se apresentado por si mesmo, tirando a característica do antropólogo de representante, tradutor e porta-voz de um povo. (GEERTZ,2018).

É nesse mundo, de um espectro gradativo de diferenças mescladas, que qualquer aspirante a fundador de discursividade tem de atuar agora, e provavelmente terá por algum tempo. Lévi-Strauss, Evans Pritchard, Malinowski e Benedict atuaram num mundo em que havia uma montagem mais descontínua de diferenças mais separadas (os bororos, os azande, os trombriandeses, os zunhis), e os grandes polihistoriadores que eles substituíram (Tylor, Morgan, Frazer, etc.) haviam funcionado num mundo de imensa dicotomia entre os civilizados em aperfeiçoamento e os selvagens aperfeiçoáveis. Mais uma vez, os Lás e os Aquis, muito menos isolados, muito menos bem definidos, muito menos espetacularmente (mas não menos profundamente) contrastante, tiveram sua natureza modificada. (GEERTZ, 2018, p.180).

Mesmo diante dessa breve apresentação do pensamento pós- moderno ou pós-malinowsquiniano, o antropólogo possui prestígio na disciplina, que não carece de analisar sua importância, com isso, apresentamos outro aspecto que nos faz retomar a contribuição de Malinowski e o que o difere dos demais antropólogos. Malinowski possuía uma facilidade ímpar e genuína de aprender o idioma dos povos nativos por ele estudado. Contudo, essa condição foi proporcionada pelos estudos e influências do filologista polonês e, seu pai Lucjan Felics Malinowski (1839-1898).

A escrita de Malinowski era envolvente criando uma conexão entre o leitor e a narrativa. Diante disso, Durham (1986, p.9) discorre sobre “a habilidade com que consegue criar, para o leitor, a imagem viva de um povo completamente diferente de nós”. (DURHAN, 1986; PEIRANO, 2018). Segundo a autora, essa habilidade era uma herança dos trabalhos desenvolvidos na

física. Os pesquisadores desta área tinham que descrever passo a passo os experimentos físicos e matemáticos realizados. Malinowski (1984) retratava a importância de introduzir na Antropologia um trabalho etnográfico mais descritivo e denso.

O pensamento acerca do trabalho etnográfico, reconhecido por ele como trabalho de campo, recebe reflexos da sua primeira formação nas ciências exatas e, mais especificamente, como a sua concepção do que poderia ser reconhecido como ciência. Na perspectiva malinowskiana, o trabalho de campo para se estabelecer enquanto método científico carecia de algo mais descritivo e completo.

Em qualquer ramo do conhecimento, resultados da pesquisa científica devem ser apresentados de uma maneira absolutamente imparcial e honesta. Ninguém ousaria sonhar em fazer contribuição experimental as ciências físicas ou químicas sem relatar, detalhadamente, todos os arranjos experimentais; sem descrever, com exatidão, a aparelhagem utilizada, o modo pelo qual as observações foram conduzidas, o número de observações realizadas e o tempo dedicado a elas, bem como o grau de aproximação com que cada medida foi realizada. Infelizmente, na etnografia, onde uma apresentação franca dessas informações seria ainda mais necessária, esses dados não têm sido oferecidos com suficiente generosidade e muitos autores não recorrem ao farol da sinceridade metodológica para iluminar os fatos, que são apresentados como que surgidos do nada (MALINOWSKI, 1986, p. 26).

Além destes qualificadores e habilidades pessoais, retomar alguns fenômenos históricos considerando o seu impacto nas realizações acadêmicas de um intelectual é partir de um entendimento de que as realizações pessoais são pautadas num contexto sócio-histórico no qual ele se insere. Neste sentido, o impacto do início da Primeira Guerra Mundial em 1914 sobre a pesquisa de campo de Malinowski é bastante relevante, pois tal conflito bélico emerge justamente no momento em que o antropólogo preparava para realizar sua primeira expedição nas Ilhas Trobriand, o que nos ajuda a compreender o contexto e construir uma possível narrativa deste momento vivenciado por Malinowski. Provavelmente, ele não contava que em 1915, quando estava na Austrália e se preparava para realizar a sua segunda expedição às Ilhas Trobriand, como implicação dos conflitos da Primeira Guerra e devido a sua nacionalidade polonesa, seria impedido de voltar para a Inglaterra, o que

resultou no prolongamento de sua estadia nas Ilhas Trobriand, para sua pesquisa de campo. (MALINOWSKI, 1984).

Essa contextualização histórica possibilita uma reflexão acerca do momento em que a antropologia social britânica se desenvolve aproximando-se sobremaneira das condições e contradições políticas que marcaram este momento. Kuper (2005, p.211), questiona: *seria uma coincidência que a crise da antropologia social britânica surgisse no preciso momento em que a Grã-Bretanha descolonizava o seu império africano?* Questionamentos como este trouxeram discussões entre antropólogos que tem discorrido sobre antropologia colonial e pós-colonial nos dias atuais, sendo Kuper, uma dessas figuras. Não refletir criticamente sobre o posicionamento “colonial” a que Kuper atribui Malinowski é desconsiderar o contexto do qual a antropologia social britânica se estabeleceu. Malinowski é o reflexo da sociedade na qual ele estava inserido, em um período vitoriano marcado pelo colonialismo. Portanto, Malinowski não se via como colonizador, ele estava em busca de fatos etnográficos e novas teorias antropológicas. Ao repensar a história da Antropologia, seja também de outras ciências das humanidades ou exatas é compreensível que existam acertos e erros até entre os pesquisadores mais conceituados.

Pensar na construção da teoria e metodologia antropológica é como tecer uma colcha de retalhos. Malinowski é parte de um conjunto de pensamentos e posições científicas, mas também políticas. Como cada tecido possui sua origem e história, assim são os paradigmas (evolucionista, positivista, estruturalista, funcionalista, culturalista, hermenêutico). As teorias são as costuras de um pensamento no outro, mesmo que estes pensamentos se contrapõem eles surgem quando se questiona o que já existe e o que mantém a permanência da ciência antropológica é toda essa trajetória e releitura crítica de pensamentos, pensando que a história é espiralada, resultando em novas teorias e métodos (KUPER, 2005; PEIRANO, 2014).

Malinowski, frente ao debate sobre a descaracterização da Antropologia enquanto ciência que não deveria tomar partido dos interesses político-econômicos, e das críticas de colegas intelectuais, buscava manter suas convicções científicas intactas. Nesse período em que a Europa passava por diversas mudanças socioculturais, políticas e econômicas (Revolução

Industrial, Guerras, Expansão Marítima, Imperialismo, entre outras) e seus desdobramentos, manter-se neutro e objetivo segundo o cânone positivista cientificista era impossível, irrealista. Malinowski era um proeminente intelectual delimitado pelo quadro de valores de seu tempo, uma vez que

(...) da cultura do próprio tempo e da própria classe não se sai a não ser para entrar no delírio e na ausência de comunicação. Assim como na língua, a cultura oferece ao o indivíduo um horizonte de possibilidades latentes – uma jaula flexível e invisível dentro da qual se exercita a liberdade condicional de cada um. (GINZBURG, 2006, p. 20).

Não obstante, reconhecer as contribuições e avanços não implica omitir as lacunas e os limites, pelo contrário, é justamente um processo contínuo e interno de se pensar, de pensar como a Antropologia tem se pensado e se posicionado no campo científico e político que comporta a reflexividade necessária ao conhecimento que se pretende de fato auto crítico e transformador. São as lacunas e limites que hoje conseguimos observar no trabalho empírico e teórico como os desenvolvidos por Malinowski que nos permitem pensar a Antropologia na direção do seu aprimoramento enquanto campo do conhecimento que não pode mais se pretender como verdade absoluta, inquestionável, universal e neutra (FABIAN, 2013). Assim como foi o olhar crítico de Malinowski para os teóricos evolucionistas e para os “etnógrafos de gabinete” que lançou novos desafios para a Antropologia, um olhar para a obra de Malinowski deve impulsionar novas reflexões e avanços. O contexto linguístico impresso na escrita pelo intelectual já é um ato de acessar seus pensamentos, intenções e o contexto social que o escritor está inserido. A língua vem se resignificando ao longo da história e com isso a interpretação de alguns conceitos. Por isso, é preciso cautela ao lidar com essas fontes para não interpretarmos de forma inequívoca aquilo que podemos vir afirmar o que o autor estava querendo dizer, do que realmente disse (SOUZA, 2008; SKINNER, 1969).

3- O paradigma estrutural-funcionalista e o trabalho de campo na perspectiva empirista

A teoria funcionalista, antes mesmo de Malinowski se tornar antropólogo, já fazia parte do pensamento sociológico da escola francesa, com Durkheim,

assim como de antropólogos da escola britânica como Seligman, Rivers e Radcliffe-Brown. Malinowski foi para sua primeira expedição sob as orientações teóricas do funcionalismo, e sua metodologia etnográfica, como dito anteriormente, rompe com a ideia evolucionista em fazer etnografia de gabinete. (MALINOWSKI, 1984; PEIRANO, 1995).

Para refletirmos sobre a teoria funcionalista apresentada por Malinowski, é fundamental analisarmos as ferramentas teóricas que o antropólogo considerava como referência. O funcionalismo busca compreender os fenômenos culturais como um aparato instrumental para o ser humano vistos como problemas concretos específicos para atender suas necessidades vitais. (DURHAM, 1986, p. 170). Fundamentado no paradigma funcionalista, Malinowski considera que os processos que constituem a cultura de uma comunidade é a satisfação de uma demanda biológica. (MALINOWSKI, 1986, p. 175). Isso é, a cultura seria uma necessidade secundária e existente em função das demandas dos sistemas biológicos.

Essa estrutura pautada nas necessidades biológicas desconsidera a atuação da subjetividade de cada indivíduo na resignificação da cultura, fato que leva as teorias de Malinowski a ser repensadas por antropólogos culturalistas norte-americanos que intensificam seu trabalho de campo e análises no final da Segunda Guerra Mundial. Outro aspecto importante do pensamento funcionalista, positivista e empirista malinowskiano era a relação estabelecida entre pesquisador e objeto. Malinowski considerava que,

O etnógrafo não tem só que estender suas redes no lugar adequado e esperar pelo que vai cair dentro delas. Ele deve ser um caçador ativo, cercar a caça, segui-la até seus esconderijos mais inacessíveis. (MALINOWSKI, 1986, p. 32).

Na citação acima é possível apreendermos como os “nativos” referenciados por Malinowski, são vistos como caças que precisam ser caçados, domesticados e civilizados, o que nos faz lembrar que os ingleses possuíam uma imagem a respeito dos orientais como não civilizados. Por isso, ao criticar a antropologia social britânica como uma ciência colonizadora precisamos repensar o contexto em que a mesma se desenvolve, e considerar que os métodos etnográficos alcançados por Malinowski são até hoje, fontes importantes para a Antropologia, ainda que essa careça de refinamento crítico. (KUPER, 2005; PASSETTI, 2016; PEIRANO, 2014).

Assim, é preciso problematizarmos e considerarmos que a forma como Malinowski estabelece a interação com o “seu objeto” de estudo reflete uma relação de superioridade e poder, que marcam a fronteira entre a posição colonizadora das metrópoles e as regiões colonizadas no século XIX e XX. O fato é que, colocando-se na condição de homem de ciência sob a perspectiva positivista, Malinowski tem a sua autoridade legitimada pelo “rigor científico” com o qual concebe suas análises teórico-metodológicas, mas acaba, por conseguinte, por demarcar também uma distância e a negação dos sujeitos com os quais realiza a sua pesquisa. Concebendo-os como um “objeto de pesquisa”, e alicerçado na busca pela neutralidade e objetividade cientificista, não efetiva um pensar criticamente acerca de si mesmo e da própria teoria e método antropológico, esvaziando a sua análise científica e a construção da sua narrativa do contexto político-econômico e das relações de poder nas quais elas são forjadas. (CLIFFORD, 2002; FABIAN, 2013).

Colocando-se nesta posição, Malinowski reafirma uma outra modalidade de colonização, agora não mais restrita às dimensões político-econômicas e religiosas que marcam as relações da era vitoriana e pós-vitoriana com suas colônias. Trata-se, agora, de uma relação de poder e domínio sobre o conhecimento, pois nega e invisibiliza a participação e os saberes dos “nativos” na elaboração do conhecimento etnográfico. Neste sentido é possível perceber a diferença entre este entendimento positivista do significado da etnografia, e aquele que a partir dos anos de 1950 e sob a perspectiva hermenêutica e crítica vai sendo ressignificado pela antropologia contemporânea.(GEERTZ,2018).

A publicação do diário pessoal de Malinowski, apresenta uma realidade vivenciada pelo antropólogo no momento em que estava convivendo entre os trobriandeses, diverge das experiências e sensações narradas por ele em sua monografia.

Manhã de segunda: o mar ligeiramente agitado. Deitei-me e nada vi da bela paisagem entre Mogubo e Mailu. Em casa, sentei-me e li os jornais; cansado, deprimido, com medo de uma incapacidade duradoura: minha cabeça completamente fraca. D.D. partiu antes do almoço. – Terça, 17, S. saiu de manhã. Tentei – sem muito esforço- revisar algumas anotações. Li Kipling, contos, fase de depressão, sem esperança de trabalhar, me lembra aquele verão na Inglaterra. Devo ter me sentido arrasado. Quase desisti de continuar meu

trabalho. Tentei me livrar do desespero lendo contos. (MALINOWSKI, 1967, p. 75).

Na citação apresentada acima, nota-se uma insatisfação do pesquisador com o seu trabalho. Por mais que não fosse a intenção da pesquisa, Malinowski diante de determinadas situações de estranhamento, reflete sobre aspectos de sua própria cultura, chegando a não se reconhecer enquanto sujeito. O reconhecimento desse estranhamento só acontece a partir da publicação de seu diário e que veio a ter visibilidade com as pesquisas fomentadas por Clifford Geertz sobre o papel do etnógrafo enquanto sujeito.

Na construção narrativa de Malinowski é proposital, afirma Clifford (2002, p. 28), uma linguagem que envolva o leitor na história, passando despercebidos aspectos da relação de poder entre o pesquisador e o “objeto” pesquisado e principalmente da relação entre o pesquisador e pesquisado. A obra “Os Argonautas” foi e é lida por intelectuais, mas também por pessoas leigas do ponto de vista da análise antropológica. Enxergar esses aspectos na obra de Malinowski não faz dele necessariamente um colonizador, mas revela a representação de seu discurso, que nos moldes que a sociedade europeia carregava ao considerar-se mais civilizada em relação a outras sociedades.

Na monografia a história é construída a partir da perspectiva do narrador, ou seja, do etnógrafo. Sendo ele a autoridade no campo, pensar que “você está lá, porque eu estava lá” é uma forma de dizer que os trobriandeses são como o antropólogo os apresentou na monografia. Com isso, foi construída a imagem pelos antropólogos funcionalistas que a presença do etnógrafo no campo legitima os fatos narrados nas suas monografias. Os pesquisadores constroem a narrativa acerca de um indivíduo do grupo, que vem a se estabelecer como o informante que representa a coletividade, ou seja, não é considerada a subjetividade do informante, além de desconsiderar os demais membros da sociedade. (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2000; CLIFFORD, 2002; PEIRANO, 1995). Portanto, as etnografias não são verdades sobre o “outro”, mas experiências intersubjetivas que não dão conta da pluralidade e complexidade da vida do grupo com quem se pesquisa (MAGNANI, 2002).

É mais do que nunca crucial para os diferentes povos formar imagens complexas e concretas uns dos outros, assim como

das relações de poder e de conhecimento que os conectam; mas nenhum método científico soberano ou instância ética pode garantir a verdade de tais imagens. Elas são elaboradas - a crítica dos modos de representação colonial pelo menos demonstrou bem isso - a partir de relações históricas específicas de dominação e diálogo. (CLIFFORD, 2002, p. 19).

As imagens da cultura trobriandesa representadas por Malinowski ressignificaram o método etnográfico, mas a distância mantida entre Malinowski e seu “objeto de estudo” impossibilitou que o mesmo enxergasse os trobriandeses como principais autores da construção narrativa da história de seu povo. O fato é que na obra “Os Argonautas”, esses sujeitos e ou informantes não aparecem. A escrita retrata a perspectiva do antropólogo frente a outra cultura, a partir das suas próprias referências socioculturais, por mais neutro que o etnógrafo tente ser, não consegue despir de suas crenças e valores culturais. A antropologia social britânica se propunha a coletar fatos concretos, estabelecidos pelo funcionalismo, cabendo a Malinowski identificá-los na sociedade trobriandesa. (CLIFFORD, 2002; KUPER, 2005; PEIRANO, 1995).

Se a etnografia produz interpretações culturais através de intensas experiências de pesquisa, como uma experiência incontrolável se transforma num relato escrito e legítimo? Como exatamente, um encontro intercultural loquaz e sobredeterminado, atravessado por relações de poder e propósitos pessoais, pode ser circunscrito a uma versão adequada de um “outro mundo” mais ou menos diferenciado, composto por um autor individual? (CLIFFORD, 2002, p. 21).

A antropologia malinowskiana determinou um tempo ideal e os critérios para que os dados concretos fossem obtidos em campo. Mas talvez não estivesse suficientemente comprometida epistemológica e politicamente com o reconhecimento das subjetividades em campo, e o discurso apresentado, por vezes, era de informantes escolhidos que narram suas histórias a partir de seu ponto de vista, o que não pode representar o relato do grupo como um todo. Apesar disso, Malinowski enxergava um indivíduo como uma parte do todo - o grupo - e, portanto, para ele era possível abstrair dessa parte a totalidade que a constituía (perspectiva estrutural-funcionalista). Malinowski não levava em consideração a inerente falta de controle do pesquisador sobre os fatos relatados pelo nativo informante, e acreditava ter controle sobre a narração do informante, porém, essa narrativa é forjada sobre o olhar do nativo e até certo

ponto, do autor do texto. A interpretação do autor, pauta-se em referências de seu próprio mundo ao transcrever suas experiências de campo.

Esta é outra dimensão da perspectiva contemporânea etnográfica, isto é, a compreensão de que a narrativa do sujeito pesquisado é apenas uma dentre outras possíveis, ainda que carregue uma complexidade justamente por que resulta de peculiaridades inerentes à interação estabelecida entre os sujeitos da pesquisa que se veem e analisam numa via de mão dupla. A etnografia é provocar, é repensar a teoria, mas também repensar o “outro” e a si mesmo. Tomo emprestado as palavras de Peirano (2014. p. 383) “se o mundo muda, boas etnografias continuam a nos inspirar, porque não são retratos fiéis, mas formulações teóricas- etnográficas”, o que não podemos é desconsiderar uma etnografia como a feita por Malinowski pelas limitações do seu pertencimento a uma sociedade colonialista e a um paradigma positivista. (CLIFFORD, 2002; PEIRANO,1995).

Após a morte de Malinowski em 1942, seus alunos continuaram o legado da antropologia social britânica, porém, com o fim da Segunda Guerra Mundial e os processos de Independência das colônias inglesas na África, a Antropologia volta-se para novos campos empíricos, já que seu objeto já não é mais o “exótico”. A Antropologia enquanto ciência já sentia a necessidade de uma nova teoria coerente com os novos tempos. Nesse momento, emerge a antropologia interpretativa e hermenêutica de Clifford Geertz (1926-2006). O trabalho etnográfico continua exercendo um papel importante a partir de Geertz. A antropologia interpretativa rompe com a antropologia positivista (CLIFFORD, 2002; GEERTZ, 1973; KUPER,2005). Contudo, Malinowski abre a porta para a etnografia que se ressignifica conforme a necessidade de seu tempo. Como afirma Mello, “cada teoria é válida dentro dos parâmetros e dos objetivos a que se propõe” (MELLO, 1987, p.220).

Considerações Finais

A partir disso, a antropologia, o ofício do antropólogo tem sido desde o século XX, apreender o que move esses sujeitos dentro da cultura, como organizam seus sistemas sociais, a perspectiva dos grupos que se dividem

dentro da mesma cultura, se são: homens, mulheres, negros, indígenas, estrangeiros, classe baixa, classe média ou alta, entre outras aspectos que são imprevisíveis no trabalho etnográfico. Na trajetória antropológica, as teorias e metodologias foram se resignificando, como acontece na cultura. Atualmente almeja-se trazer não só esses elementos de encontrar com o outro e traduzir os seus modos de vida, mas também, a perspectiva do grupo, como cada grupo enxerga a si mesmo, compreendendo a subjetividade de cada indivíduo e a sua própria visão da cultura, para assim, estabelecer um diálogo que possibilite a atuação desses sujeitos nos textos etnográficos. (CLIFFORD, 2005; PEIRANO, 1995).

Diante disso, as diversas resignificações apresentadas pela metodologia etnográfica, ao longo da história antropológica, análises acerca da cultura e do “outro” tornaram-se cada vez mais densas e novas teorias foram sendo elaboradas. Para além disso, o mapeamento ao longo do texto mostra que Malinowski agia conforme um homem vitoriano de seu tempo, carregando consigo valores coloniais, por mais que estivesse acima da média, e uma base (familiar e social) que contribuiu, de certa forma, para sua carreira (pai linguista, orientador entregando um campo demarcado pelos pesquisadores da LSE e sua primeira formação na área das exatas). Logo, não podemos desconsiderar esses “acazos” na sua vida pessoal e acadêmica. Mas isso não o impediu de contribuir para a Antropologia, resignificando o método e a teoria etnográfica deixando uma obra reconhecida e revisitada por profissionais tanto da Antropologia quanto de outras Ciências.

Referências

Fontes

MALINOWSKI, Bronislaw. K. *Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia*. Tradução de Anton Carr e Lúcia Cardieri Mendonça, [1 ed., 1922], São Paulo: Abril cultural, 1984.

_____. *Um diário no sentido estrito do termo*. Editora Record. Rio de Janeiro, São Paulo, 1967.

Bibliografia

BARBOSA, Maria Ligia de Oliveira; OLIVEIRA, Márcia Gardênia Monteiro de; QUINTANEIRO, Tania. *Um Toque de Clássicos: Marx, Durkheim e Weber*. 2º Edição revisada e ampliada, Belo Horizonte. ed. UFMG. 2002.

BARBOSA, Renata Cerqueira. *Algumas considerações sobre a educação clássica na Inglaterra vitoriana*. História e Ensino. Londrina, v. 19. n.2. p.221-240. Jul./dez.2012.

BLOCH, Marc. *Apologia da História ou o Ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. A antropologia e a "crise" dos modelos explicativos. In: _____. *O trabalho do antropólogo*. 2. ed., Brasília: Paralelo 15, São Paulo: Editora UNESP, 2000.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. A categoria de (des)ordem e a pós-modernidade na Antropologia. In: *Anuário Antropológico*. Editora Universidade de Brasília/Tempo Brasileiro, 1988.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. Tempo e Tradição: interpretando a Antropologia. In: *Anuário Antropológico*, p. 191-203, 1984. Disponível em: http://www.dan.unb.br/images/pdf/anuario_antropologico/Separatas1984/anuario84_robertocardoso.pdf .

CASTRO, Celso. *Evolucionismo Cultural: textos de Morgan, Tylor e Frazer*. Ed. Jorge Zahar. Rio de Janeiro- RJ. 2005.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2006.

CLIFFORD, James. *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Organização e revisão técnica José Reginaldo Santos Gonçalves, 1ª reimpressão, 2ª. Edição, Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

DURKHEIM, Émile. *As regras do método sociológico*. Tradução de Paulo Neves e revisão de tradução de Eduardo Brandão. 2ª Edição, São Paulo: Martins Fontes (Coleção Tópicos), 1999.

DURHAM, Eunice Ribeiro. Uma nova visão da Antropologia. In: DURHAM, Eunice Ribeiro (Org.). *Malinowski, Coleção Grandes Cientistas Sociais*. Coordenador Florestan Fernandes. Editora Ática: Rio de Janeiro, 1986.

FABIAN, Johannes. *O tempo e o outro: como a antropologia estabelece seu objeto*. Prefácio de Matti Bunzl. Tradução de Denise Jardim Duarte. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Aula inaugural no College de France, pronunciada em 2 de dez. de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. Edições Loyola, São Paulo, 2010.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1973.

GEERTZ, Clifford. *Obras e Vidas: O antropólogo como autor*. Tradução Vera Ribeiro. 4. Ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2018.

KUPER, Adam. *Histórias alternativas da antropologia social britânica*. In: Revista Etnografia, vol. IX, n. 2, 2005, p. 209-230.

LARAIA, Roque. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Zahar, 20ª. Edição, 2006.

MELATTI, Júlio Cezar (Org.). *Radcliffe-Brown: antropologia*. Coleção Grandes Cientistas Sociais. Coordenador Florestan Fernandes. Editora Ática: São Paulo, 1978.

MAGNANI, Guilherme. *De perto e de Dentro: notas para uma etnografia urbana*. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 17 n. 49. Jun. 2002. p. 11-30.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Introdução: o assunto, o método e o objetivo desta investigação*. In: DURHAM, Eunice Ribeiro (Org.). Malinowski. Coleção Grandes Cientistas Sociais. Coordenador Florestan Fernandes. Editora Ática: Rio de Janeiro, 1986.

MELLO, Luiz Gonzaga. *Antropologia Cultural: iniciação, teoria e temas*. Petrópolis, Vozes, 1987. p. 200-277.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: princípios & procedimentos*. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009.

PASSETTI, Gabriel. *Os britânicos e seu império: debates e novos campos da historiografia do período vitoriano*. HISTÓRIA (SÃO PAULO), v. 35, p. 1-24, 2016.

PEIRANO, Mariza. *A favor da etnografia*. Rio de Janeiro: Relume- Dumaré, 1995.

PEIRANO, Mariza. *Etnografia não é método*. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 377-391, jul./dez. 2014.

PEIRANO, Mariza. *A eterna juventude da Antropologia: etnografia e teoria vivida*. Texto da conferência de abertura de “A graduação em campo” de 2007, evento organizado pelo Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo. Disponível em: <http://journals.openedition.org/pontourbe/1890>.

SANTOS, Vanessa Silva dos. *De Malinowski aos Pós-Modernos: uma breve reflexão acerca da pesquisa etnográfica na Antropologia*. Revista: A cor das letras. v.14, n.1. 2013

SCHWARCZ, Lilia K. Moritz. *Questões de fronteira: sobre uma antropologia da história*. Novos Estudos CEBRAP, São Paulo, n. 72, p. 119-135, July 2005 <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-33002005000200007>.

SKINNER, Quentin. *Meaning and Understanding in the History of Ideas*. History and Theory, vol.8, nº1 (1969), pp.3-53.

SOUZA, Vanderlei Sebastião de. *Autor, Texto e Contexto: A História Intelectual e o Contextualismo Linguístico na perspectiva de Quentin Skinner*. Fênix-Revista de História e Estudos Culturais. Outubro/ novembro/ dezembro de 2008. vol. 5, ano V, nº 4. ISSN 1807-6971.

STOCKING, Jr., George W., *The Ethnographer's Magic*. Fieldwork in British Anthropology from Tylor to Malinowski. *In: The Ethnographer's Magic and Other Essays in the History of Anthropology*, Madison, The University of Wisconsin Press, 1992, pp. 12-59.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. *In: E. Nunes (org.). A aventura sociológica*. Rio de Janeiro. Editora: Zahar. 1978.